

## Toledo, A Terra Prometida: Espaço de Identificação ou Estranhamento?

..... Frank Antonio Mezzomo\*

### R e s u m o

O artigo aponta alguns elementos discursivos que visam criar/recriar um imaginário social em torno das terras do oeste do Paraná como a Terra Prometida. Dando um significado próximo do discurso religioso e de preconceitos étnicos, o empreendimento colonizador oestino apresenta uma região atraente aos imigrantes vindos do sul do Brasil. Na construção desse imaginário, o catolicismo contribui decisivamente para estabelecer uma comunidade de sentidos.

Palavras-Chave: Representação, imaginário, imigração e discurso.

### A b s t r a c t

The article points to some discursive elements, aiming to create and recreates a social imagery related to the lands of west Paraná as a promised land. Giving a meaning near to the religious discourse and ethnic prejudices, the west colonization enterprise presents an attracted region to the immigrants from the south of Brazil. In the construction of this imagery, the Catholicism has contributed decisively to establish a community of sense.

Kez words: Representation. Imaginary, Immigration, Discourse.

A colonização do oeste do Paraná, mais precisamente de Toledo, remonta à década de 1940, quando imigrantes de Santa Catarina e Rio Grande do Sul adquirem uma vasta porção de terras pertencentes à “Companhia de Maderas del Alto Paraná”, cujos proprietários são ingleses.

A ocupação efetiva dessa faixa de terras segue um plano de metas esboçado a partir de uma concepção da superioridade etno-cultural. Da mesma forma, cria-se um imaginário em torno da região oestina como a Terra Prometida, a Canaã judaica. É a “utopização” da História-Progresso de que fala Baczko<sup>1</sup>, alimentando o mito do progresso em que caminha a humanidade em direção ao homem de amanhã que habitará a Cidade Feliz<sup>2</sup>. As agruras e dificuldades enfrentadas são encaradas com “naturalidade”, uma vez que o amanhã é por demais promissor.

---

\* Frank Antonio Mezzomo, graduado em filosofia em 1997 pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Toledo. Ingressou no mestrado em 1998. Orientador, professor Dr. Artur César Isaia.

<sup>1</sup> BACZKO, Bronislau. Utopia. *Enciclopédia Inaudi*. Porto: Imprensa Nacional. Casa da moeda, 1986, p. 372.

<sup>2</sup> Id., *ibid.*, p. 373.

Adquirida a Fazenda Britânia de aproximadamente 110 mil alqueires paulistas<sup>3</sup>, o primeiro trabalho dos novos proprietários foi designar uma caravana de homens com a missão de reconhecer a região. Tudo isso aconteceu antes de ser constituída a firma que ia ocupar a nova área a partir de março de 1946.

Foi no dia primeiro de abril de 1946, quando empresários se reuniram em Porto Alegre e constituíram oficialmente a nova empresa. Surgiu então a "Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S.A.", passando a ser conhecida pela sigla MARIPÁ<sup>4</sup>.

A colonização programada ou também "racionalizada"<sup>5</sup> compreendia vários pontos defendidos pela colonizadora, estando sistematizados no "Plano de Colonização" elaborados, mais tarde em 1955, pelo contador Ondy Niederauer.

A empresa MARIPÁ colocou-se em sintonia com o slogan getulista da "Marcha para o Oeste"<sup>6</sup>. Esta marcha compreendia, para os teóricos do Estado Nacional, abrir caminhos, expandir-se, tomar a vanguarda. Na prática, isto significava renovar o gosto pelo sertão, deslocar-se para o oeste. Fazer os brasileiros bandeirar ou circular, a fim de que todos, de uma forma ou de outra, estivessem presentes na região oeste<sup>7</sup>.

Nacionalizar os territórios<sup>8</sup>, proposta do Estado varguista, foi assumida pela federação paranaense no momento em que medidas administrativas são adotadas pelas prefeituras, coletorias, casas de comércio, repartições públicas e entidades civis na tentativa de "abrasileirar" a região fronteiriça<sup>9</sup>.

Neste contexto nacional, a empresa MARIPÁ deita suas bases de colonização compreendendo três pontos básicos<sup>10</sup>: tipo de propriedades que seriam estabelecidas, tipo e características do imigrante que seria atraído e finalmente a assistência que seria fornecida ao elemento humano.

A programação da colonização desta região é divulgada a fim de oferecer ao imigrante toda a garantia e segurança de que estava adquirindo uma colônia devidamente registrada,

---

<sup>3</sup> A área adquirida pelos empresários estende-se por 43 quilômetros de norte a sul, ao longo do rio Paraná (da foz do rio Guaçuá à foz do rio São Francisco Falso), e mede, de leste a oeste, a extensão máxima de 78 quilômetros formando um quase retângulo com aproximadamente 2.747.528.460 metros quadrados de mata virgem.

<sup>4</sup> "Toledo: Sua história, sua gente". In: Revista **RECAD**O. Toledo, n.º 1, ano 1, 14 de set. de 1973.

<sup>5</sup> Esse termo é utilizado no Plano de Colonização elaborado por Ondy Niederauer compreendendo uma ocupação pensada ou organizada do espaço abrangido pela Fazenda Britânia. Essa organização abarcava desde a divisão em pequenas colônias, a fixação do elemento humano, a produção policultural, a escoação da produção, até a formação de pequenos centros urbanos. Cf. NIEDERAUER. Ondy Hélio.

**Plano de colonização da Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná - S.A.** Toledo, jun. de 1955. Mimeo.

<sup>6</sup> OSCAR, Silva (et. al.). **Toledo e sua história**. Toledo: Prefeitura Municipal de Toledo, 1988, p. 52.

<sup>7</sup> Cf. WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obrageros, Mensus e Colonos: História do Oeste Paranaense**. Curitiba: Ed.: Vicentina, 1982, p. 144.

<sup>8</sup> A região oeste do Paraná, no início do século, o número de argentinos e paraguaios era elevado. As propagandas comerciais, a moeda circulante, o idioma assumido, os costumes e vestimentas usadas caracterizavam o paraguaio e o argentino. Essas notas se encontram no terceiro capítulo da obra de Ruy Wachowicz supra citada.

<sup>9</sup> Cf. WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obrageros...**, op. cit., p. 141.

<sup>10</sup> Id., *ibid.*, p. 173.

fugindo, portanto, da psicose titulatória<sup>11</sup>. Quer dizer, sua intenção não era explorar, mas desenvolver a região, isto é,

*“por à disposição daquele que adquire terras no mato longínquo, a indispensável assistência médico-hospitalar, estradas, escolas, igrejas, garantia de colocação de produtos, e outros fatores sem os quais torna-se impossível numa região nova que, no momento, é um canto do Brasil, afastado de qualquer centro civilizado”<sup>12</sup>.*

O recrutamento dos colonizadores foi direcionado na medida em que não era conveniente nem aconselhável vender as colônias de terras a *“aventureiros e parasitas”*, com seus métodos de enriquecimento rápido de exploração de recursos. Uma publicidade em larga escala mostrar-se-ia inconveniente<sup>13</sup>. Dessa forma, o colono, mesmo aquele descendente de europeu que avançou em direção ao oeste paranaense pela linha sul, em grande parte polonês e ucraniano, ou mesmo o caboclo paranaense, filho tradicional do sertão brasileiro, e o nortista, também conhecido como pelo duro, não figurava o ideal típico do colonizador oesteiro<sup>14</sup>.

Havia o entendimento que o sulista era etnicamente superior, pois *“foram se aclimatando às condições do Brasil, além disso, eram pequenos proprietários rurais, fazendeiros do tipo familiar e conservaram as tradições do trabalho árduo, frugalidade e agricultura como meio de vida”<sup>15</sup>.*

Como seria feita a divulgação desta nova região? A escolha dos homens desejados teria que ser efetuada pelos próprios responsáveis dos destinos da companhia. Homens de negócios, ligados ao comércio e de compromisso com a região<sup>16</sup>. A diretoria contratou também agentes dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul para fazer a divulgação. Estes agentes eram escolhidos de preferência entre professores e pequenos comerciantes<sup>17</sup>. A propaganda, porém, não se restringia às rodas de chimarrão e ao contato verbal. Contrariando à afirmação de alguns historiadores<sup>18</sup>, notas escritas também eram veiculadas, embora não fossem amplamente divulgadas, em função da restrição no momento da escolha.

<sup>11</sup> Um dos maiores problemas fundiários do oeste paranaense era causado pelo próprio governo que expedia títulos de domínio a particulares, em cima de glebas já tituladas, causando muitos problemas ao imigrante na medida em que sua terra já havia sido vendida. Na Fazenda Britânia, esse problema praticamente inexistiu, salvo na parte norte. Cf. WACHOWICZ, Ruy Christovam. *Obrageros...* op. cit., p. 179-180.

<sup>12</sup> NIEDERAUER, Ondy Hélio. *Plano de colonização...*, op. cit., p. 5.

<sup>13</sup> OBERG, Kalervo & JABINE, Thomas. *Toledo: Um município da fronteira oeste do Paraná*. Rio de Janeiro: Ed. SSR, 1960, p. 28.

<sup>14</sup> WACHOWICZ, Ruy Christovam. *Obrageros...*, op. cit., p. 174.

<sup>15</sup> OBERG, Kalervo & JABINE, Thomas. *Toledo: Um município...*, op. cit., p. 28.

<sup>16</sup> NIEDERAUER, Ondy Hélio. *Plano de colonização...*, op. cit., p. 5.

<sup>17</sup> Cf. WACHOWICZ, Ruy Christovam. *Obrageros...*, op. cit., p. 176.

<sup>18</sup> “Outro ponto definido pela diretoria da Maripá era o não apelo à publicidade. Todo o recrutamento seria realizado verbalmente”. Cf. WACHOWICZ, Ruy Christovam. *Obrageros...*, op. cit., p. 176. Ainda: “Uma publicidade em larga escala, como o provou a experiência, teria atraído muitos aventureiros e parasitas, com os seus métodos de enriquecimento rápido de exploração de recursos. Seria melhor retardar, ou mesmo proibir a entrada desses elementos”, Cf. OBERG, Kalervo & JABINE, Thomas. *Toledo: Um município...*, op. cit., p. 28.

O tipo-ideal do homem sulino, que reiteradas vezes aparece nos discursos desses empresários, era

*“Esse agricultor, descendente de imigrantes italianos e alemães, com mais de cem anos de aclimação no país, conhecedor das nossas matas, dos nossos produtos agrícolas e pastoris, primando pela sua operosidade e pelo seu amor à terra em que trabalha, seria, portanto, o elemento humano predestinado à realizar grande parte desta tarefa”<sup>19</sup>.*

Parece estar claro que a viagem para o oeste do Paraná era uma aventura desmedida, deixar os seus, imigrar para uma região desconhecida, escassez de alimentos, enfim, deixar um espaço que lhe pertencia culturalmente e adquirir um pedaço de chão numa região pintada com as mais lindas cores, porém estranha.

Tudo era passível de mudança. As dificuldades encobertas pela produção de um imaginário coletivo de que a Terra Prometida existia, o progresso familiar se encontrava naquela região para quem quisesse vencer na vida. Este ambiente é produzido pela propaganda, que não deixa de lançar mão do imaginário religioso, da moral do bom cidadão e dos valores familiares, que, paulatinamente, vão construindo a Canaã oestina.

O efeito da divulgação da propaganda transparece na fala de João Eugênio Kaspary, atualmente morador de Novo Sarandí, que, na época, residia em Santa Rosa, Rio Grande do Sul:

*“Quando entrei, vi um moço, bem vestido, de chapéu branco, rodeado de curiosos, motoristas na sua maioria, escutando a conversa do rapaz. E o homem falava... Falava mais que o homem da cobra... Percebi que ele falava da região do Estado do Paraná, mais precisamente de Toledo, e só contava vantagens e maravilhas: que o futuro estava lá, que o pessoal de Santa Rosa estaria perdendo seu tempo, que se alguém chegasse a ter a oportunidade de conhecer Toledo, dificilmente deixaria de mudar-se para lá”<sup>20</sup>.*

Habitar nos estados sulinos – Santa Catarina e Rio Grande do Sul – passara a ser sinal de atraso e de perda de tempo. Porque lá existem morros, pedras, formigas, enquanto o oeste paranaense é rico em águas, clima saudável, terra fértil e de fácil escoamento da produção. A produção do imaginário se dava duplamente. Primeiro pela negação, ou seja, apontando as dificuldades e precariedades existentes no sul. Segundo, assinalando a superioridade natural ou ambiental das novas terras, seja na fertilidade dos solos, na regularidade climática, ou mesmo nos recursos hídricos.

“Porque devo comprar terra em Toledo”? Assim intitulava uma das propagandas que, em seguida, enumerava as múltiplas vantagens como:

<sup>19</sup> NIEDERAUER, Ondy Hélio. *Plano de colonização...*, op. cit., p. 4.

<sup>20</sup> KASPARY, João Eugênio. Relato. In: *Com licença, somos distritos de Toledo*. Prefeitura de Toledo, 1987, p. 26.

*“O maior desejo de cada Agricultor é que seu filho deve ter uma vida melhor...*

*Por isso devem procurar comprar terras de cultura livres de morros, pedras, formigas e rica em águas, clima saudável, terra fértil e de fácil escoamento dos produtos. Todos esses desejos, o senhor encontra reunidos em Toledo...*

*Porque TOLEDO hoje tem: Paróquia, Colégio de Freiras com 290 alunos, médico, hospital, farmácia, grandes casas comerciais, hotéis, luz e força elétrica, carpintaria e marcenaria, matadouro, uma grande olaria, frigorífico, padaria, sapataria, diversos bares e churrascaria, uma grande oficina mecânica, a serviço de qualquer espécie de veículo, moinhos para trigo e milho, serrarias para pinho e madeiras de lei, firma organizada para um grande moinho a cilindro para trigo...*

*A exportação de todos os produtos coloniais é feita diretamente para a praça de S. Paulo, grande consumidor com fretes convenientes revertendo em benefício exclusivamente dos agricultores...”<sup>21</sup>.*

A produção desse imaginário coletivo, veiculado na propaganda escrita e falada, vai construindo uma imagem de que o oeste do Paraná é uma região que está em desenvolvimento e oferece todos os recursos àqueles que desejam angariar um patrimônio para si e para seus filhos. Esta imagem não só permite como sugere a imigrante a ver o oeste como a Terra Prometida, negando ao sul do Brasil a possibilidade de desenvolvimento, oferecendo a região oeste do Paraná como terra onde “corre leite e mel”, ou seja, uma região na qual os sonhos podem se tornar realidade.

Não se aponta, porém somente as vantagens naturais da região. Lança-se mão de outros valores vividos ou cultivados pelo possível comprador de terras. Isto é, falando a uma família patriarcal, cujos costumes e crenças são regidas pela religião, o convencimento ocorre apresentando, criando e mantendo um imaginário, de que a religião daria o apoio espiritual, como se estivesse abençoando e protegendo o novo empreendimento, era “a presença de alguém que pudesse abençoar aquele começo, dando-nos a certeza de que começávamos pelo caminho certo”,<sup>22</sup> confirma o imigrante. O desenvolvimento parece inevitável, acenando para valores “óbvios”.

Apresenta-se, portanto, uma cidade, neste caso Toledo, onde existe, referida acima na propaganda, uma paróquia e, desta forma a assistência religiosa, o auxílio das irmãs que, além do trabalho pastoral, dedicam-se à educação dos filhos do imigrante. Apresentado como inevitável, o progresso está relacionado infalivelmente ao destino desta cidade. “Nada há de impedir que o destino sulque seus flancos na história deste povo”. A fala de Oscar Silva deixa transparecer esta conclusão:

<sup>21</sup> MUSEU HISTÓRICO WILLY BARTH, Toledo – Paraná. **Propaganda de vendas de terras.**

<sup>22</sup> Apud. DEITOS, Nilceu Jacob. **Representações Pentecostais no Oeste Paranaense (A Congregação Cristã do Brasil em Cascavel/1970-1995)**. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

“...fim de ano vê-se em cartões: ‘Toledo não pode parar’ ou ‘Eu acredito em Toledo’. Esses slogans vazios, supérfluos, porque O nosso progresso é consequência lógica do determinismo histórico de uma cidade incrustada na canaã brasileira, que é o Oeste paranaense. Ninguém deterá a marcha de Toledo...”<sup>23</sup>.

A colonização programada, como expressavam os acionistas da MARIPÁ, não daria margem ao insucesso. A superioridade étnica faria de Toledo uma cidade progresso, pois aqui se formaria, conforme o diretor da MARIPÁ Willy Barth,

“...um grande caldeirão, e dentro estão gaúchos, catarinenses vindos do sul, paulistas, mineiros, baianos vindos do norte...Mas eles não se chocam, se cruzam. Eu garanto a vocês que tal caldeirão produzirá uma raça final muito forte, inteligente, trabalhadora, e as mulheres serão as mais bonitas do mundo”<sup>24</sup>.

Neste discurso as diferenças são supridas. A previsão histórica encobre as dificuldades sentidas e sofridas pela humanidade, criando a imagem de uma outra sociedade situada num futuro próximo, que, porém, está sendo gestada desde já na contingência desta realidade. O discurso vai ao encontro da “utopiação” da História-Progresso, segundo afirma Baczko:

“É então que o sol iluminará na terra unicamente homens livres que não conhecem outro senhor que não seja a sua própria razão; a desigualdade entre os povos desapareceu e todos em conjunto, sem guerras nem conflitos gozarão dos benefícios da civilização; o aperfeiçoamento moral do homem e a racionalização das instituições terão por resultado a eliminação dos preconceitos, o aumento da felicidade tanto individual como coletiva, a supressão dos conflitos entre o indivíduo e a sociedade, etc.”<sup>25</sup>

O mito da História-Progresso é criado numa visão utópica da realidade. O termo utopia<sup>26</sup> remete à noção de *eu-topos*, ou seja, a região da felicidade e da perfeição a se realizar na História. Felicidade e perfeição, aqui entendidas, como realização de um sistema social, jurídico, político e espiritual onde os homens habitariam numa perfeita sociedade. Portanto utopia, não como uma ilha imaginária distante, nem como uma região inexistente. Este paraíso não é imaginado estando situado num além puramente espiritual. Além, sim, porque é o advento da Cidade Nova, cuja marcha da evolução histórica é inevitável<sup>27</sup>. Puramente espiritual não, pois depende da ação do homem, neste caso, do homem dedicado com o fazer, com o desenvolvimento sócio-econômico da região, por isso da aversão àqueles que não se dedicam ao trabalho do campo.

<sup>23</sup> SILVA, Oscar. Mais trabalho, menos demagogia. In: *Jornal A Voz do Oeste*, Toledo, 14 de dezembro de 1968, p. 8.

<sup>24</sup> NIEDERAUER, Ondy Hélio. *Toledo no Paraná, a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso*. Toledo: Grafo-set, 1992, p. 132.

<sup>25</sup> BACZKO, Bronislau. *Utopia...*, op. cit., p. 373.

<sup>26</sup> O que se passa com o vocábulo-chave Utopia, no texto de Baczko, é uma circularidade conceitual entre *Utopia*, terra de nenhures, *Eu-topia*, o melhor país, e a confluência de ambas num mesmo conceito. Cf. BACZKO. Bronislau. *Utopia...*, op. cit., p. 343.

<sup>27</sup> Id., *ibid.*, p. 348.

Assim, o conceito utopia deixa de oferecer idéias-imagens deslocadas do processo histórico lançado no além abstrato. O conceito passa a assumir uma configuração histórica, ou seja, verifica-se a historicização da utopia. A utopia vê-se então transformada em *u-cronia*, "o algures social, a sociedade outra, deixa de estar situada num espaço, para se situar doravante num tempo imaginário"<sup>28</sup>.

O pensamento histórico e o pensamento utópico podem, num primeiro momento, parecer excludentes. Porém, estes dois movimentos do pensamento estão interpenetrados e formam uma mesma realidade. O pensamento utópico funde-se ao pensamento histórico.

A utopia, desde o início do século XIX, transformou-se em um conceito de luta política usado por todos contra todos. Mas é no início deste século que seu conceito é interpretado como uma forma de possibilidade e não somente como um sonho. Como diz Habermas,

*"em nosso século Ernst Bloch e Karl Mannheim purificaram o termo 'utopia' do ressaibo do utopismo e o reabilitaram como medium insuspeito para o projeto de possibilidades alternativas de vida, que devem estar potencializadas na própria consciência da história politicamente eficaz"*<sup>29</sup>.

Enquanto as energias utópicas aparentam ter se esgotado neste século em função da corrida armamentista, da difusão incontrolada de armas nucleares, do empobrecimento estrutural dos países em desenvolvimento, do desemprego crescente e dos desequilíbrios sociais dos países emergentes<sup>30</sup>, o oeste do Paraná, especificamente Toledo, parece firmar o paradoxo da exuberância do pensamento utópico como haviam traçado as utopias clássicas do século XIX, onde "as condições para uma vida digna do homem, para a felicidade socialmente organizada; as utopias sociais fundidas ao pensamento histórico despertam expectativas mais realistas"<sup>31</sup> e podem se tornar realidade na gestação desta nova sociedade.

Temos, portanto, desenhada uma região em franco desenvolvimento. O sujeito, que é o homem sulino, tem diante de si o deslumbrar de uma região na espera da sua ação. A produção deste imaginário torna a realidade menos agressiva à natureza humana, criando uma comunidade de sentidos que o identifica com o meio. Nem por isso, deixa de se mostrar, senão hostil, resistente a ação do homem.

As dificuldades não deixam de questionar inúmeras vezes aquele imigrante acerca do que estava realmente fazendo naquela região. Vencidas as dificuldades daqueles anos, torna-se complexo, hoje, passados mais de meio século, resgatar nele algum testemunho de que não tenha valido a pena este empreendimento, a menos que seja para realçar a sua vitalidade e coragem, próprias daquele que tenta heroizar a história ou heroicizar-se na história. Porém, alguns acontecimentos ocorridos conflitam com as

<sup>28</sup> Id., *ibid.*, p. 365.

<sup>29</sup> HABERMAS, Juerguen. A nova intransparência: A crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas. In: *Novos Estudos*, n.º 18, setembro, 1987, p. 104.

<sup>30</sup> Id., *ibid.*, p. 104.

<sup>31</sup> Id., *ibid.*, p. 105.

falas otimizadas.

Só para retornar um pouco no tempo, é importante lembrar que de São Marcos, Rio Grande do Sul, donde partiu a primeira leva de imigrantes, até Cascavel, no Paraná, a distância era de aproximadamente mil quilômetros. A viagem, num caminhão ford, iniciara no dia 18 de fevereiro e terminara em Cascavel somente no dia 18 de março<sup>32</sup>.

A precariedade das estradas, os atoleiros e as naturais quebras do caminhão fizeram da viagem um suplício. Como se não bastasse, restava ainda em torno de cinquenta quilômetros até chegar às margens do arroio Toledo, onde pretendiam montar seus barracos. A distância não era tanta, porém a mata fechada e a pouca circulação pela região castigaram por mais nove dias, tendo que abrir picadas para passarem<sup>33</sup>, pois existia somente um trilho de mulas que há muitos anos os ingleses haviam aberto como estradas<sup>34</sup>. Talvez seria apenas até a chegada e, no mais tardar, nos primeiros meses da colonização. As dificuldades, todavia, pareciam querer provar a coragem deste imigrante.

O isolamento geográfico não era o único problema. É bom recordar que a região estava geograficamente isolada de grandes centros comerciais e industriais, além disso, a comunicação praticamente inexistia, quer dizer, é um povoado recém fundado e, portanto, com tudo a fazer. Somado a isso, outras carências se apresentam. Uma delas, e com certeza contrasta com aquela do Sul<sup>35</sup>, é a falta de gêneros alimentícios. Não havia ainda empórios ou qualquer casa de trocas de alimentos. A solução deste problema encontrava-se cinquenta quilômetros distante, somente em Cascavel. Em Porto Britânia, há aproximadamente quarenta quilômetros, sabia-se da existência de um rebanho de gado, o qual poderia proporcionar o leite e seus derivados, e alguns animais de montaria<sup>36</sup>.

Esta situação era diversa daquela deixada alguns meses atrás em São Marcos, onde a fartura fazia a todos felizes, como, por exemplo, a colheita de uva com a promessa de outra colheita que proporcionasse milhares de garrafas de bom vinho<sup>37</sup>.

A caça foi duplamente uma questão de sobrevivência. Primeiro, porque não se tinha outro tipo de carne, *"A gente só comia carne do mato. Ora se caçava um veado, um tateto ou uma anta, e a gente ia se defendendo"*<sup>38</sup>. Segundo, porque a sobrevivência dependia da expulsão dos "inimigos" naturais,

*"A caça foi uma questão de sobrevivência para os pioneiros da colonização do Oeste do Paraná. Na década de 50, em toda a*

<sup>32</sup> É importante notar que há controvérsias quanto ao número de imigrantes vindos na primeira leva, bem como sobre o dia que realmente chegaram a Toledo. A respeito do presente trabalho optou-se aleatoriamente por estes números e datas. A respeito cf.: **Geração em Revista**, op. cit.; Revista **Recado**, op. cit.; NIEDERAUER, Ondy. **Toledo no Paraná...**, op. cit.

<sup>33</sup> Cf., SILVA, Oscar, **Toledo e sua história...**, op. cit., p. 63.

<sup>34</sup> NIEDERAUER, Ondy Hélio. Relato. Por que o nome dela é... Toledo? In: **Geração em revista**, op. cit., p. 9.

<sup>35</sup> Com esta expressão quero tão somente me reportar aos imigrantes vindos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

<sup>36</sup> Cf. **Revista Recado**, op. cit.

<sup>37</sup> NIEDERAUER, Ondy Hélio. **Relato...**, op. cit., p. 9.

<sup>38</sup> COSTA, Luiz Alberto. Sustos, caçadas e pescarias. Histórias e estórias dos caçadores e pescadores, que estavam entre os colonizadores do Oeste do Paraná. In: **Jornal do Oeste**, Toledo, 21 de abril de 1995, p. 9.



região, abatia-se onça pintada para salvar a vida e a anta, a paca, a cutia, o veado e o tateto, além de diversos pássaros e peixes para incluir a carne no pobre regime alimentar dos colonos, ainda abrigados em simples ranchos, construídos em clareiras abertas na floresta<sup>39</sup>.

As dificuldades não cessam. Em função da umidade e da floresta ser muito densa, existia uma quantidade enorme de mosquitos borrachudos, pernilongos e carrapatos capazes de, em poucos instantes, deixar picados os pés, o tronco, a face, as orelhas, o nariz e a testa de qualquer indivíduo. Para evitar este ataque impiedoso “O jeito de se defender era tapar bem com roupa grossa e meter banha nas mãos e no rosto<sup>40</sup>”, ou passar pinga<sup>41</sup>. A quantidade era tanta que formavam verdadeiras nuvens na mata<sup>42</sup>.

Somando a fauna e a flora “agressivas”, assolou a região, conforme Ruy Wachowicz, um dos maiores problemas, que se tornou uma epidemia. A maleita, ou popularmente conhecida como malária, ou chuncho, como chamavam as populações guaranis. A doença ocorria geralmente após o mês de fevereiro, vitimando, nas habitações ribeirinhas do rio Paraná, cerca de 80% da população<sup>43</sup>.

As inúmeras dificuldades enfrentadas não desaparecem logo nos primeiros anos. Essas adversidades talvez sejam ilustradas pela grande debandada que houve nos primeiros tempos da colonização. Como relata Oscar Silva

*“Alfredo Paschoal Ruaro se viu em apuros do dia para a noite, sem pessoal para o trabalho, desertando, segundo ele, 193 dos 200 do inicial do arrebanhamento de braços para o serviço de desbravamento<sup>44</sup>”.*

O papel desempenhado pelo catolicismo nesse momento é fundamental, na medida em que, como instituição religiosa, representa e dá sentido às práticas desenvolvidas pelo imigrante. Torna-se representante e porta-voz do imigrante que havia adquirido terras já tituladas a outrem, não se olvida do sofrimento do agricultor abandonado pelas políticas governamentais e, da mesma forma, contribui com os empresários no momento que seu nome é veiculado nas propagandas de terras, bem como na construção de valores que alimentam o imaginário desse imigrante como homem ordeiro e trabalhador, que constrói no aqui e agora o advento da Terra Prometida.

Pode-se perceber, portanto, que a formação de um imaginário cuja máxima repousa na idéia de que “Toledo entrou na História com o vaticínio do Progresso e o pé direito da Evolução<sup>45</sup>”, encobre um universo de conflitos enfrentados pelo imigrante. É uma situação

<sup>39</sup> Id., *ibid.*, p. 9.

<sup>40</sup> Id., *ibid.*, p. 9.

<sup>41</sup> WIEZZER, Gentilia. *Entrevista*. Toledo, 30 de junho de 1998. (A/A).

<sup>42</sup> COSTA, Luiz Alberto. *Sustos, caçadas e pescarias...*, op. cit., p. 9.

<sup>43</sup> Cf. SILVA, Oscar. *Toledo e sua história...*, op. cit., p. 21.

<sup>44</sup> Id., *ibid.*, p. 65.

<sup>45</sup> SILVA, Oscar. ...E Toledo entrou na história. In: *Geração em Revista*, op. cit., p. 7.

inquietante dado às dificuldades externas e a anomia<sup>46</sup> gerada pela situação vivida. Não havia elementos suficientes que os identificassem culturalmente com o exterior. A situação anômica, caracterizada pela ausência de significados objetivos e interiorizados, fazia o imigrante sentir-se só e desprotegido.

O desenvolvimento sócio-econômico, vindo posteriormente, bastará por si mesmo, quer dizer, conseguirá oferecer elementos subjacentes à cultura e fazer do meio externo um espaço "seu"?

É na criação/recriação de reservas simbólicas fundamentais para estruturação de uma comunidade de sentidos<sup>47</sup> que instituições atuam para construir um imaginário significante. Nas evidências empíricas já levantadas sobressai, neste sentido, o papel do catolicismo. É o que se pretende aprofundar em próximos estudos.

<sup>46</sup> O termo anomia é derivado de Durkheim. Cf. BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985, nota 23, p. 32.

<sup>47</sup> Cf. CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: O imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 13.